

# Alto do Carrinho: um lugar, dois tempos

■ NELSON ALMEIDA ■ JOÃO MAURÍCIO ■

**RESUMO** Certas áreas, devido às suas condições geográficas e proximidade dos recursos naturais, apresentam diferentes ocupações humanas ao longo do tempo. A estação do Alto do Carrinho é um destes locais. A proximidade do rio Tejo e respectivas planícies aluviais favoreceu o estabelecimento de populações numa pequena elevação, ao abrigo das cheias. As sondagens realizadas junto à pista do gasoduto permitiu identificar materiais pertencentes à Idade do Bronze. Não foram detectadas estruturas atribuíveis a este período. O aparecimento de materiais romanos rolados, também na pista, levou-nos a identificar uma ocupação deste período numa plataforma arenosa, um pouco mais alta. A ocupação romana definia-se pela presença de estruturas constituída por seixos de rio e materiais cerâmicos. A cerâmica comum exumada corresponde maioritariamente a formas de armazenamento. Foram, ainda, recolhidos alguns fragmentos de *terra sigillata*.

**ABSTRACT** Certain areas were occupied by humans in different ways through time, due to their geographical nature and to the vicinity of natural resources. The Alto do Carrinho site is one of those places. The proximity of the river Tejo led the populations to settle on a small rise, above the flooding level. The field work on the pipeline lots revealed Bronze Age remains, though no structures were identified. The presence of some Roman potsherds led to the identification of a settlement on a sandy platform, higher on the rise, which featured structures that were built with pebbles, and some pottery. The majority of the recovered coarse-ware corresponds to storage containers; some potsherds of *terra sigillata* were recovered as well.

Algumas vezes, para quebrar a monotonia de muitos quilómetros de prospecção sem se detectar qualquer vestígio, aparecem uns “cacos” ou pedras que nos despertam a atenção e nos obrigam a parar. São estes acontecimentos que nos recompensam dos momentos menos bons, quase sempre ligados aos caprichos do tempo, inerentes ao trabalho de acompanhamento arqueológico de obras.

O Alto do Carrinho foi um desses sítios.

Quando procedíamos à prospecção da pista no Lote 3-A do gasoduto, numa área onde este último, depois de deixar os terraços terciários do Tejo, iniciava o seu percurso pela larga e farta planície aluvionar gerada pelo deambular indolente deste rio, detectamos uma ocorrência arqueológica (Fig. 1).

Depois de observadas as primeiras peças que apareceram na pista, indiciadoras da proximidade de uma estação arqueológica, foi necessário alargar a prospecção a toda a zona envolvente para determinar a origem deste material.

Esta prospecção permitiu, para além de determinar a proveniência dos artefactos, verificar que estávamos na presença de materiais que se enquadravam em mais que uma época e, possivelmente, em mais que uma origem.

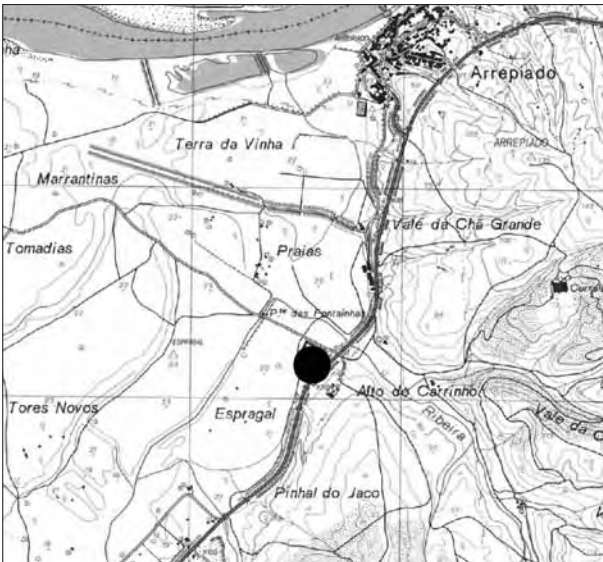


FIG. 1 – Localização do sítio na C.M.P. (1: 25 000) n.º 330.

Foi ainda possível determinar que a construção da actual Estrada Nacional 118 (E.N. 118) destruiu parte da estação arqueológica, testemunhando os taludes, vestígios de estruturas.

Para clarificar as dúvidas e responder às interrogações que se tinham levantado, optámos por proceder a sondagens manuais nesta área. Localizámos a primeira de forma a abarcar uma estrutura que aparecia no talude da estrada; na segunda optou-se pelo lado Oeste da mesma, de forma a definir a área de dispersão da ocupação e, finalmente, acabámos com a implantação de uma última sondagem junto à pista (Fig. 2).

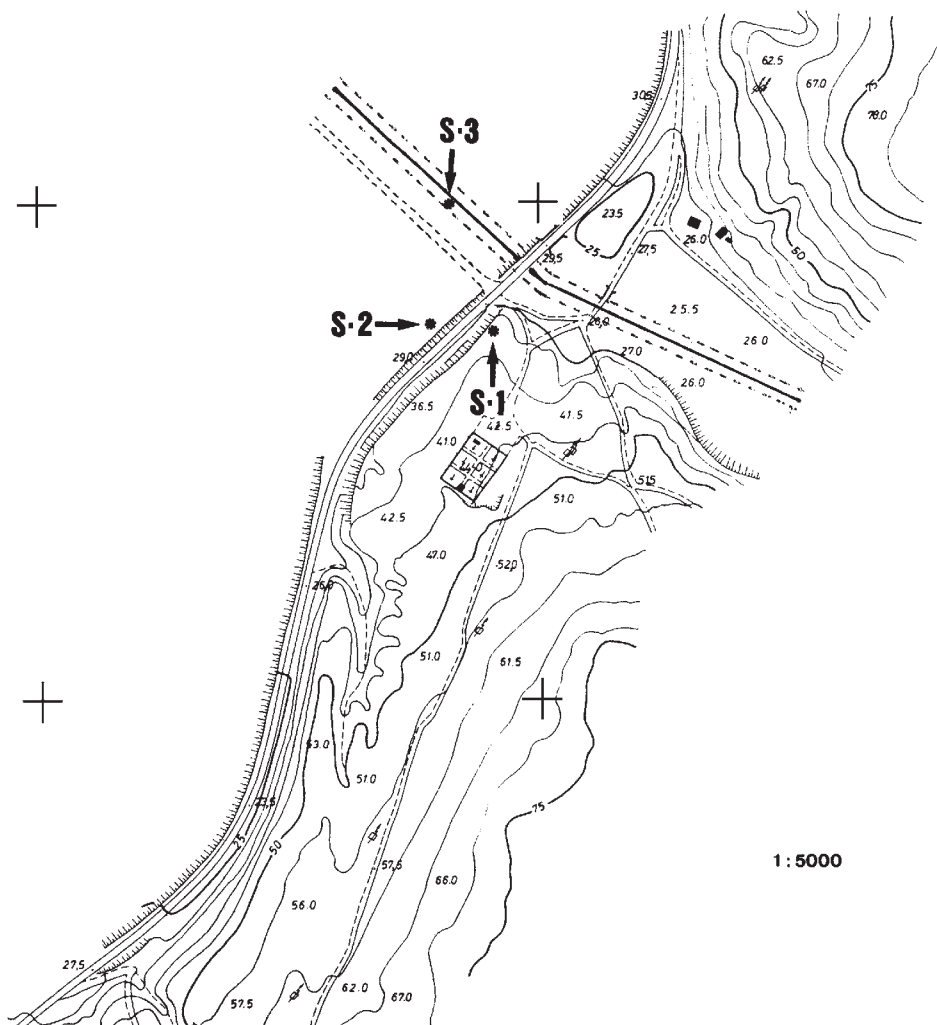


FIG. 2 – Localização das sondagens.

## Sondagem n.º 1

---

A sondagem S-1 abrangeu uma área de 4 m<sup>2</sup> definida por um quadrado de 2 m de lado. A quadrícula foi implantada no lado Este da elevação, coincidindo um dos seus lados com o talude realizado neste cabeço pelas obras de terraplanagem, levadas a cabo aquando da construção da E.N. 118.

Nesta sondagem as estruturas exumadas apresentaram duas formas. Um primeiro vestígio de estruturas (Estrutura n.º 1) corresponde a uma faixa de sedimento siltoso compactado que poderá corresponder aos restos de uma estrutura constituída por argilas (construção em taipa). A sua intencionalidade e antropicidade só poderiam ser confirmadas com a escavação total da área, tarefa que sairia do âmbito dos trabalhos que nos propusemos realizar. No entanto, a sua forma e orientação rectilínea induziram-nos a considerá-la, com ressalva, antrópica (Fig. 3). Esta estrutura inicia-se, nesta sondagem, a meio de uma outra, com uma constituição diferente, o calhau rolado.

---

FIG. 3 – Planta e corte estratigráfico da sondagem n.º 1.

De facto, no extremo Oeste desta sondagem foram propositadamente recolhidos e associados calhaus de rio de forma a criar uma estrutura (Estrutura n.º 2). Ao contrário da estrutura um, que tinha uma orientação linear, esta segunda apresenta, na sua parte posta a descoberto, uma forma circular. Contudo, esta forma pode estar relacionada, dada a natureza arenosa dos materiais envolventes, com uma alteração provocada pela construção da E. N. 118 (Fig. 4).

FIG. 4 – Pormenor da sondagem n.º 1, onde se observa o desenvolvimento de duas estruturas.

---

Durante a escavação desta sondagem foi possível definir três camadas diferentes (Fig. 3). A primeira corresponde a um estrato afectado por trabalhos agrícolas (gradagens) e por isso mesmo fruto de muitos revolvimentos. Esta camada estratigráfica, como não poderia deixar de ser, é rica em matéria orgânica. Em termos de sedimentologia, era constituída por areias médias a finas de cor escura.

A 2.ª camada inicia-se com o aparecimento de um sedimento arenoso mais compacto, de cor mais clara. Este sedimento embalava, nos quadrados F-II e E-II, uma faixa de sedimento ainda mais compacto, de cor mais escura com presença de material com granulometria mais fina (Estrutura n.º 1) e, nos quadrados E -IO e E-II, os seixos de rio que constituíam a estrutura n.º 2. Nesta camada foi exumada a grande maioria das peças recolhidas nesta sondagem, maioritariamente constituídas por cerâmicas, contrastando com a 1.ª camada, onde os materiais eram raros. No último nível artificial escavado nesta camada a quantidade do espólio exumado diminuiu na generalidade, aumentando, em termos pontuais, a percentagem de material lítico.

O sedimento da terceira camada tornou-se mais arenoso passando a ser constituído por areias grossas a médias de cor alaranjada. A principal diferença deste nível em relação aos níveis anteriores reside na inexistência de material arqueológico (salvo algumas excepções que poderão vir das tocas que apareceram localizadas entre o final da camada anterior e esta). As estruturas detectadas nesta sondagem assentavam no topo desta camada.

O material recolhido durante esta sondagem abrangeu vários tipos.

Recolhemos um fragmento de cerâmica fina de tipo *Drag. 27*. As formas de cerâmica comum mais abundantes correspondem a formas de armazenagem, pequenos e médios potes e alguns fragmentos de ânforas (Fig. 5). A cerâmica de construção, sempre presente, não constitui, no entanto, grande percentagem do material cerâmico recolhido.

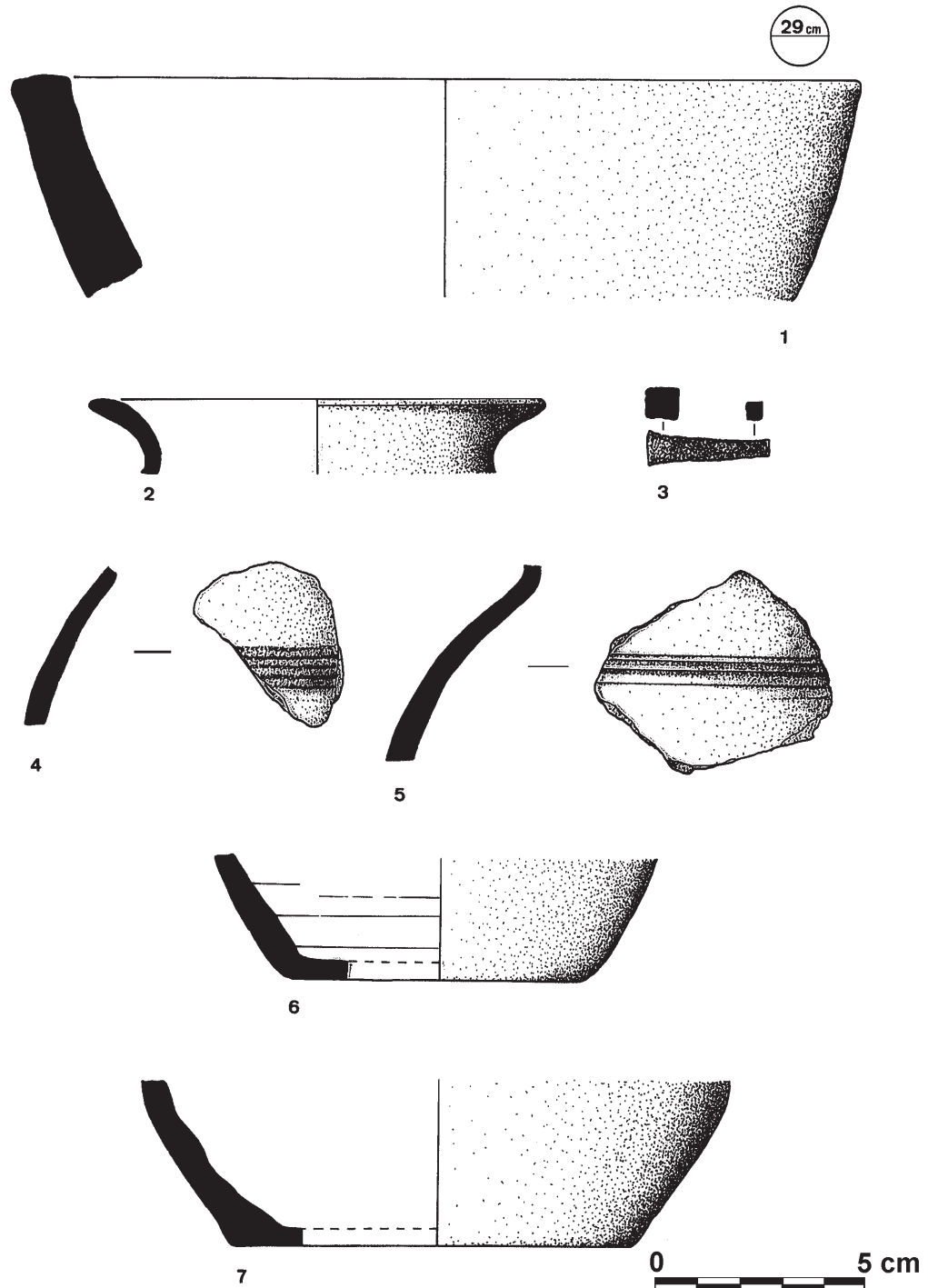


FIG. 5 – Desenho de materiais recolhidos na sondagem n.º 1: 1 e 2 – Bordos; 3 – fragmento de prego em ferro; 4 e 5 – Fragmentos de bojo decorados com linhas horizontais paralelas; 6 e 7 – Fundos com arranque de bojo.

No que respeita a formas de armazenagem, as mais abundantes, são constituídas por pastas aparentemente bem depuradas apresentando grande quantidade de moscovite.

Além deste material, foram recolhidos alguns fragmentos metálicos, entre os quais pontificaram pregos de ferro, um fragmento de uma placa de chumbo de reduzidas dimensões e escória de fundição de ferro. O aparecimento de material lítico foi diminuto, mas constante, alterando-se esta realidade apenas no final da segunda camada, onde a frequência deste tipo de material foi aumentando.

## **Sondagem n.º 2**

---

Como anteriormente foi referido, o local de implantação da segunda sondagem, enquadra-se na plataforma existente a Nordeste da E. N. 118, do lado oposto ao da nossa primeira intervenção.

A sondagem n.º 2 abrangeu a mesma área da sondagem n.º 1, ou seja 4 m<sup>2</sup>.

As estruturas reveladas pela escavação desta sondagem são muito semelhantes às existentes na primeira. Efectivamente, também foram utilizados seixos de rio para conseguir delimitar uma construção de pedra seca (Fig. 6). Grande parte da construção encontrava-se inserida no quarto nível artificial da 2.ª camada. No quinto nível artificial a quantidade de material arqueológico exumado diminuiu, sendo ainda de salientar, a esta cota, a presença de alguns seixos da estrutura.

Nesta sondagem, desmontámos a estrutura que apareceu nos quadrados T-31 e S-31. Foi possível constatar que a mesma inseria, na sua elaboração, cerâmica de construção do período romano, em maior quantidade, o que não se verificou na primeira sondagem onde apenas se referenciou um fragmento.

FIG. 6 – Início do aparecimento da estrutura de seixos na sondagem n.º 2.

---

Com o avançar da escavação, pudemos ainda constatar a ausência de sedimento de natureza siltosa, que na sondagem n.º 1 é um possível indício da utilização do método de construção através de taipa. Outra diferença entre estas duas sondagens consistiu no estado de conservação da estrutura. Nesta, e uma vez que a área onde se encontrava não foi afectada pelas obras de construção da estrada, foi possível determinar com maior precisão a sua forma e direcção.

A estratigrafia, que se foi delineando à medida que íamos procedendo à escavação desta sondagem, revelou-se muito semelhante à registada na sondagem n.º 1.

No início apareceu uma primeira camada, de cor mais escura devido à maior concentração de matéria orgânica, objecto de lavras que revolveram todo este estrato.

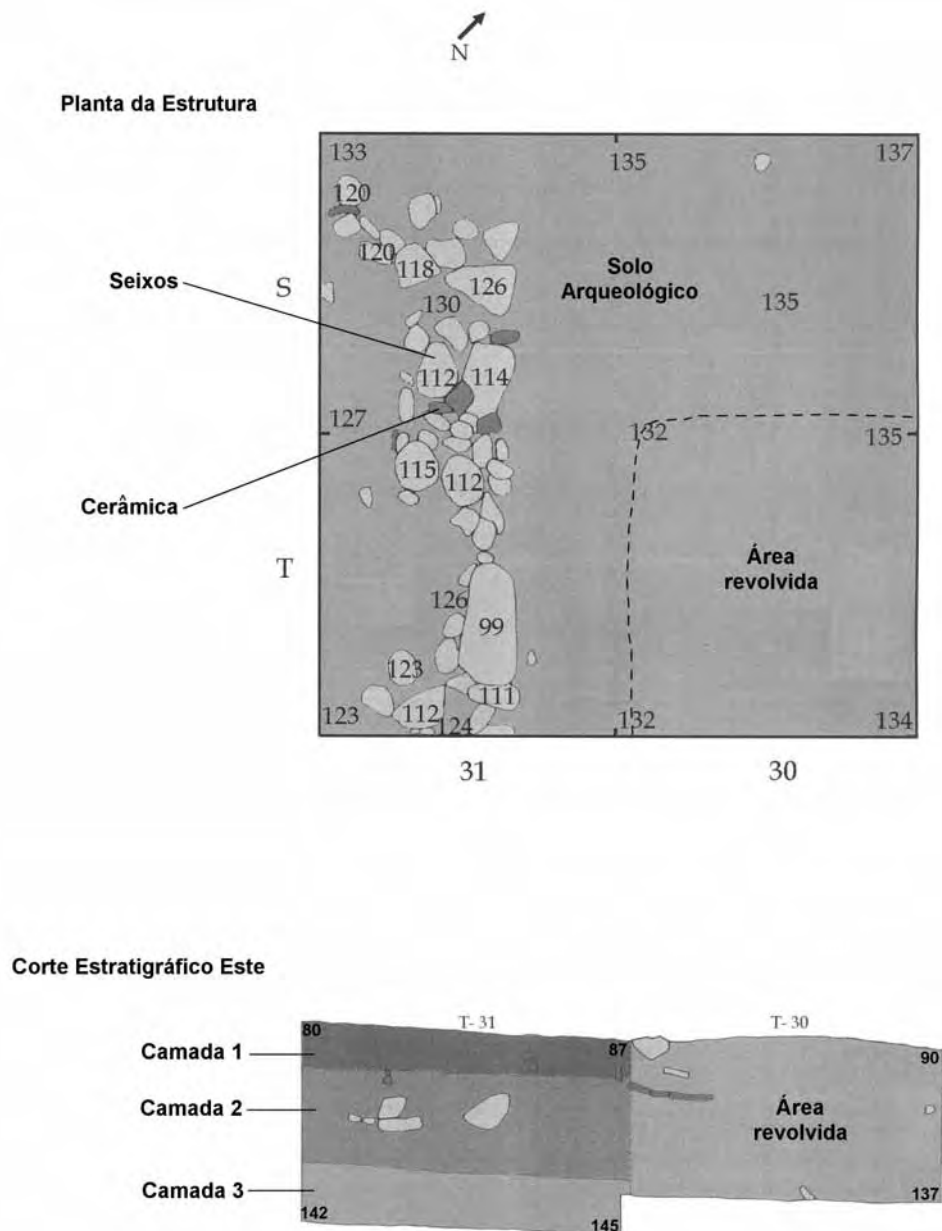


FIG. 7 – Planta e corte estratigráfico da sondagem n.º 2.

No topo da segunda camada continuou a aparecer cerâmica actual (vaso de recolha de resina). Porém, devido à cor do sedimento (mais claro), à sua textura e à abundância de material arqueológico, foi possível verificar que nos encontrávamos no estrato arqueológico propriamente dito.

A terceira camada que foi possível definir corresponde a um sedimento constituído maioritariamente por um areão mais grosso e mais claro, resultando completamente estéril.

No quadrado T-30 ocorreu uma área onde o sedimento de cor mais clara apresentava uma textura mais solta. Este incidente deverá ser a prova de uma violação localizada, que se prolongou até ao substrato estéril destruindo, deste modo, o estrato arqueológico. Esta alteração dever-se-á a recolha de areia, levada a cabo por particulares, ainda agora visível em toda a área envolvente.

Mais uma vez, no que se refere ao espólio exumado, as formas de cerâmica comum mais frequentes correspondem a formas de armazenagem, repartidos em pequenos e médios potes, frequentemente decorados com linhas paralelas e onduladas. Os motivos apresentados dividem-se entre a utilização de três linhas horizontais e paralelas e a utilização, mais complexa, de três linhas onduladas que se desenvolvem entre duas faixas compostas por três linhas horizontais (Fig. 8). Também aqui, a cerâmica de construção não ocupa grande percentagem do material cerâmico recolhido. Foi possível também reconhecer um fragmento de mó manual, indiciador de uma das actividades económicas desenvolvidas nesta ocupação.

A ocorrência de materiais associáveis à Idade do Bronze, continuou nesta sondagem. Facto que não é de estranhar, tendo em conta o seu aparecimento logo à superfície, em toda a área da estação, além de terem ocorrido na primeira sondagem.



FIG. 8 – Desenho de materiais recolhidos na sondagem n.º 2: 1 – Fragmento de bojo decorado com três linhas onduladas que se desenvolvem entre duas faixas compostas por três linhas horizontais; 2 – Fragmentos de bojo decorados com linhas horizontais paralelas; 3 – Bordo; n.º 4 – Fragmentos de bojo e bordo decorados com linhas horizontais paralelas; 5 – Fragmento de bojo decorado com linhas horizontais paralelas e linhas onduladas.





FIG. 9 – Vista geral da sondagem n.º 3 em relação à pista do gasoduto, durante os trabalhos de escavação.

### Sondagem n.º 3

O local escolhido para a realização da terceira e última sondagem situa-se a cerca de um metro do limite da pista, numa zona onde a elevação já se diluiu com a planície aluvionar do Tejo (Fig. 9). A área abrangida por esta sondagem continua a ser de 4 m<sup>2</sup>, abarcada por um quadrado de 2 m de lado.

Devido ao facto de a área de sondagem apresentar indícios de remeximentos, postos em evidência pela grande quantidade de materiais que apareciam à superfície e que, infelizmente, indiciavam a perturbação estratigráfica dos níveis arqueológicos, decidimos escavar os primeiros níveis artificiais recolhendo todo o material que ia sendo exumado para o saco geral do quadrado em questão. À medida que se foi escavando esta sondagem foi-se confirmando a intuição inicial aparecendo, até ao substrato estéril, materiais que se enquadram na Idade do Bronze, na Época Romana e na Época Contemporânea. Ao contrário das anteriores sondagens, não foi detectada qualquer tipo de estruturas antrópicas.

A estratigrafia que nos foi possível observar era constituída por três camadas.

Com o começo da escavação, apareceu um primeiro estrato, de cor mais escura, devida à maior concentração de matéria orgânica.

A segunda camada apresenta uma cor de sedimento ligeiramente mais claro, mas com indícios de remeximento. As principais causas deste remeximento, tendo em conta que já nos encontramos numa zona de planície aluvial plana, foram as lavras profundas que destruíram o nível arqueológico, e as raízes de árvore de grandes dimensões, que deixaram ainda vestígios no corte.

A terceira camada que nos foi possível definir, apresenta um sedimento constituído maioritariamente por um areão mais grosso e mais claro, resultando completamente estéril.

O que ressalta da constituição do material recolhido neste quadrado é a sua diversidade e heterogeneidade.

Cronologicamente, apareceram materiais pertencentes à Idade do Bronze, à Época Romana e à Época Contemporânea.

Embora ocorram materiais atribuíveis ao Período Romano, a maioria do espólio cerâmico pode ser inserido, pelas suas características, na Idade do Bronze. O material romano provém da ocupação detectada nas sondagens anteriores, confirmando, mais uma vez, a intensa perturbação que o estrato arqueológico sofreu.

Dentro dos materiais da Idade do Bronze, recolhemos fragmentos de cerâmica de fabrico manual com diversos tipos de decoração. Esta decoração é testemunhada por um fragmento de bordo decorado inciso por traços perpendiculares exteriores, um fragmento de bojo com linhas paralelas horizontais incisas e outro com estrias paralelas brunidas (Fig. 11). O material lítico exumado nesta sondagem foi relativamente abundante. A matéria-prima utilizada dividiu-se, por ordem de abundância, entre o quartzito, o sílex, o quartzo leitoso e o quartzo hialino. O sílex utilizado foi obtido recorrendo a pequenos nódulos de origem fluvial, tendo sido utilizados vários tipos. Toda esta matéria-prima serviu para a obtenção de lascas, lâminas e lamelas, tendo sido preferido o sílex para a obtenção destas duas últimas (Fig. 9). Outra forma de aproveitamento de seixos rolados pelo rio consistiu na utilização como pesos de rede, na actividade piscatória.

Durante os trabalhos foi também recolhido um pingo de fundição em bronze.

Os materiais pertencentes ao Período Romano constituem uma pequena percentagem do material exumado, sendo constituído por fragmentos de cerâmica comum, de cerâmica de construção e alguns fragmentos de escória de ferro.

O testemunho do intenso remeximento a que o local esteve sujeito, assenta na presença, entre o espólio exumado, de fragmentos de vidro e cerâmica vidrada contemporâneos bem no âmago da camada arqueológica, e isso em todos os quadrados da sondagem.

Além destes materiais apareceram alguns fragmentos de osso de período indeterminado.

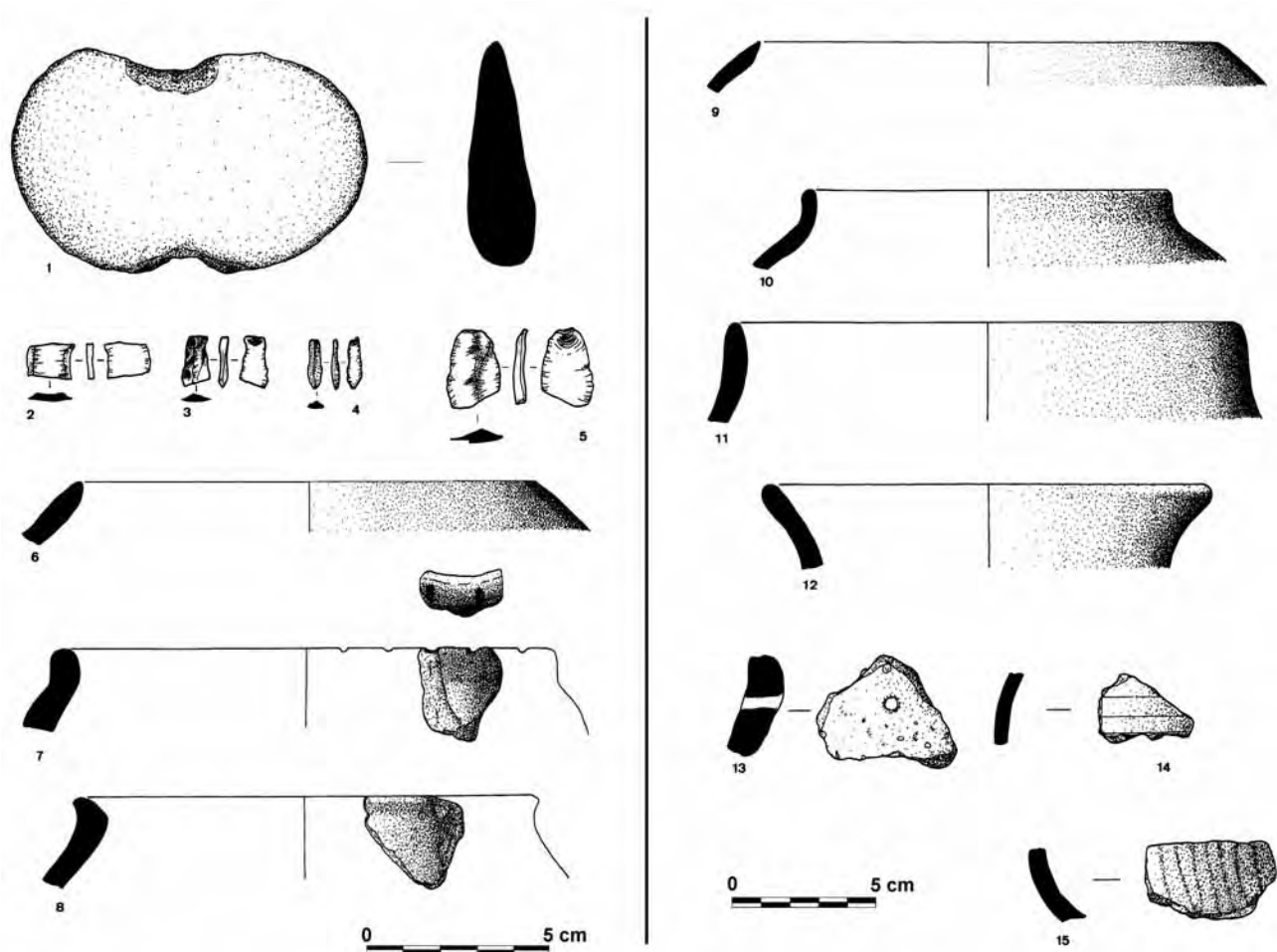


FIG. 11 – Desenho de materiais recolhidos na sondagem n.º 3: 1 – Peso de rede em quartzito; 2 – Fragmento medial de lâmina em sílex; 3 – Fragmento proximal de lamela em quartzo hialino; 4 – Lamela em quartzito; 5 – Fragmento proximal de lâmina em sílex; 6 a 12 – Bordos; 13 a 15 – Fragmentos de bojos decorados.

## Conclusões

Desde os períodos mais remotos, os rios sempre foram um ponto de atracção para o Homem. As populações sempre tiveram tendência para se deslocar ou fixar junto das linhas de água, pelo menos em tempo de paz. Neste caso foi a Ribeira das Fontainhas, que providenciou a duas comunidades, espaçadas no tempo cerca de dois milénios, todo um complexo ambiental que lhes forneceu o abrigo, o sustento e as vias de comunicação.

As sondagens que realizámos, embora tenham cumprido os objectivos que nos propusemos quando as iniciámos, apenas nos permitiram aflorar um pouco do que se passou na estação arqueológica do Alto do Carrinho. Para uma visão mais alargada da ocupação levada a cabo pelos povos que aqui se estabeleceram, seria necessário um maior investimento em termos de meios e tempo. No entanto, é possível, através da observação dos dados recolhidos durante a escavação, delinear algumas pistas para a compreensão deste sítio.

Quando confrontados com os vestígios resultantes da ocupação romana, torna-se logo evidente que nos encontramos perante mais um daqueles sítios que, devido à sua parca ou nenhuma monumentalidade, não tinham, até há bem pouco tempo, sido fruto de investigação. Apenas com o aparecimento de uma arqueologia de salvamento ligada às grandes obras,

se começou a olhar para estas ocupações humanas, reconhecendo-se nelas a importância que lhes é devida. A aparente pobreza das estruturas que exumámos desvendam um pouco o tipo de construção utilizado, mas não nos permitem ter uma ideia sobre a planta da habitação, só possível com uma escavação em área.

Sobre uma base de assentamento criada com seixos do rio levantaram-se paredes provavelmente construídas em taipa. Os pregos recolhidos durante a escavação indiciam a presença de uma estrutura de madeira para dar coesão ao edifício e sustentar um telhado que, pela fraca quantidade de tégula encontrada e pela singeleza do tipo construtivo utilizado, deveria ser constituído por matéria vegetal. Esta cobertura poderia ser em colmo, aproveitado após a recolha dos cereais cultivados nos terrenos férteis das planícies aluvionares do Tejo. Este grão deveria ser armazenado nos potes, dos quais chegaram até nós apenas os fragmentos, cuja forma e decoração nos levam a datar esta ocupação do século II da nossa Era. A moagem realizava-se à medida das necessidades, em pequenos moinhos manuais, de um dos quais se recolheu um fragmento na sondagem n.º 2.

Outra das actividades que poderia constituir uma fonte de obtenção de proteína animal era a pesca. Da ocupação romana não nos chegaram vestígios indicadores desta actividade, mas não deveremos estar a errar ao considerar que esta deveria ser praticada nessa altura. Esta é, alias, uma das questões que ficam em aberto, uma vez que os dados que detemos não nos dão grandes informações sobre o peso desta actividade na vida desta comunidade.

No entanto, durante a Idade do Bronze, as pessoas que aqui deixaram vestígios já se dedicavam à pesca, tendo em conta o peso de rede apresentado na Fig. 8. Também as populações da Idade do Bronze, deveriam retirar o seu sustento da agricultura, como o prova um elemento de foice em quartzito recolhido aquando das prospecções de superfície. Os fragmentos de recipientes que recolhemos na sondagem n.º 3 comungam de uma mesma necessidade básica que os seus congéneres romanos. No entanto, revelam o recurso a outras técnicas para guardar o grão (os vasos eram suspensos, sendo para esse fim produzidos com orifícios geralmente situados abaixo do bordo – Fig. 8, n.ºs 8 e 13). Estes recipientes têm outras formas e são decorados com outros motivos.

Em suma, quando observamos os vestígios que nos deixaram estas duas comunidades, afastadas por cerca de dois milénios de História mas próximas na paisagem que partilharam, verificamos que embora divergentes nas suas singularidades, convergem na generalidade, pela forma como aproveitam o território.

## BIBLIOGRAFIA SUMÁRIA

---

ALARCÃO, J. (1988) - *Roman Portugal*. Warminster: Aris & Phillips Lda., 3 vols.

NOLEN, J. U. S. (1985) - *Cerâmica comum de Necrópoles do Alto Alentejo*. Lisboa: Fundação da Casa de Bragança.

VILAÇA, R. (1995) - *Aspectos do Povoamento da Beira Interior (Centro e Sul) nos Finais da Idade do Bronze*. Lisboa: IPPAR. (Trabalhos de Arqueologia; 9).

VV. AA., s.d. - *A Idade do Bronze em Portugal – Discursos de poder. Catálogo da exposição*. Lisboa: Museu Nacional de Arqueologia, Instituto Português de Museus, Secretaria de Estado da Cultura.